



ESCOLA DO CAMPO: IMPORTANTE PARA A FAMÍLIA? ATÉ QUANDO?¹

Danrley Ferreira Moraes
Universidade Federal do Pará
danrleyferreira97@gmail.com²

Márcia Bianca Souza dos Santos
Universidade Federal do Pará
marciabiancasousa244@gmail.com³

Luís Mauro Santos Silva;
Universidade Federal do Pará
lmsilva2012@gmail.com⁴

RESUMO: A pesquisa a seguir tem como objetivo apresentar as opiniões de duas famílias sobre uma escola localizada na área ribeirinha, localizada no município de Igarapé-Miri. Destaca-se a importância desta para os moradores, o modelo de gestão e o trabalho coletivo, além de caracterizar as famílias entrevistadas com seu estilo de vida e sistema econômico. A metodologia se deu através de entrevistas semiestruturadas e fundamentação teórica. Durante a pesquisa, observou-se nas falas dos moradores que a escola deixou de ter uma importância significativa para a comunidade no que diz respeito ao ensino realizado na instituição. Para que ocorram avanços no ensino e na infraestrutura do estabelecimento, a gestão enfrenta vários conflitos para a execução de suas propostas. Além disso, no contexto social da comunidade, as famílias são associadas apenas a uma organização em virtude ao recurso que recebem.

Palavras-chave: Escola - Famílias - Conflitos.

1 INTRODUÇÃO

É uma luta constante dos camponeses, dos residentes das comunidades tradicionais, conquistar uma escola do campo e não apenas uma escola que esteja no campo. Quando conquistada, surgem inúmeras barreiras que impedem o progresso desta ou sua eficiência total. “Há uma realidade comum nas escolas rurais, em diferentes contextos, no que se refere ao seu fechamento, à diminuição do número de alunos e de comunidades rurais com escola, à distância percorrida pelos alunos, além das implicações das escolas para a vitalidade do campo” (VENDRAMINI, 2015 p.49).

¹ Pesquisa iniciada durante a disciplina prática pedagógica VII, ministrada no 7º período do curso de licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Pará.

² Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFPA, bolsista PIBID-Diversidade, CAPES.

³ Graduanda do curso de Licenciatura em Educação do Campo/UFPA, bolsista PIBID-Diversidade, CAPES.

⁴ Doutor em Agronomia pela Universidade Federal de Pelotas, Brasil. Docente-Pesquisador do NCADR da Universidade Federal do Pará.



Para Arroyo & Fernandes (1999) “uma escola do campo é a que defende os interesses, a política, a cultura e a economia da agricultura camponesa, que construa conhecimentos e tecnologias na direção do desenvolvimento social e econômico dessa população. A sua localização é secundária, o que importa são suas proximidades política e espacial com a realidade camponesa.”

As classes populares, por meio de suas conquistas, vão ganhando espaço com o acesso a educação. Porém, para uma escola atender e satisfazer a todos com um ensino contextualizado e diversificado, ela constantemente enfrenta muitos desafios. A escola atual não é e nunca foi adequada para o campo, contribuindo para grandes índices de evasão escolar na zona rural. “Esta escola não leva em consideração as especificidades do campo. Seus conteúdos e metodologias são pensados para a realidade urbana, não para o campo. Daí o fato das muitas desistências/evasão dos estudantes. Ou seja, uma escola longe da realidade destes, o que acaba expulsando-os da escola.” (PERIPOLLI & ZOIA, 2011, p.191)

Para alguns entrevistados desta pesquisa, a escola não tem mais cumprido o seu objetivo, a qualidade do ensino não é suficiente. Seria necessário reformular o projeto político pedagógico ou então modificar sua estrutura física? Talvez sim, pois não são os estudantes que devem se adaptar a realidade da escola, todavia o contrário.

Sendo assim, curiosamente, uma escola de ensino fundamental, localizada na área ribeirinha do município de Igarapé-Miri/PA, e que é fruto da luta dos moradores locais não atende as especificidades da educação do campo e principalmente as necessidades que estes desejam, segundo os relatos de entrevistados. Então se pergunta: quando uma escola deixa de ser importante para uma comunidade? A partir deste questionamento e fundamentações teóricas, busca-se entender o porquê da escola ter deixado de ser um “espaço de conhecimento” desejado, pois naturalmente deveria ser um local de reconhecimento e orgulho para os moradores.

Assim, para a construção deste trabalho, discentes do curso de educação do campo 2014 da Universidade Federal do Pará, realizaram pesquisas com moradores da comunidade, cujos estes deveriam ter relações próximas com a escola e outros que não tivessem tanto contato com a mesma. Após a pesquisa e análise dos dados, compararam-se os mesmos, identificando a percepção das famílias sobre a escola.

2. ANÁLISE DE DADOS:

2.1 - APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA A: (Melhor relação com a escola)



- Entrevistada 1 – 53 anos - Escolaridade: Ensino fundamental incompleto.
- Entrevistado 2 – 61 anos - Escolaridade: Ensino fundamental incompleto – Profissão: Agricultor.

Juntos o casal possui nove filhos, todos residem e trabalham no estabelecimento, dos quais apenas duas moças terminaram o ensino médio. Os mesmos tem renda oriunda da agricultura familiar. São associados na colônia dos pescadores, que conheceram a partir dos vizinhos e afirmam que lá não ensinam nenhuma técnica para pescar. Acreditam que sem o benefício adquirido pela colônia teriam muitas dificuldades financeiras. Na agricultura não utilizam produtos químicos, apenas naturais, comercializando 50% da produção. Segundo o casal, a agricultura é uma coisa muito boa, onde colhemos o que plantamos.

2.2 APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA B: (Pouca relação com a escola)

- Entrevistada 3 - 26 anos - Escolaridade: Ensino fundamental incompleto – Profissão: Agricultora
- Entrevistado 4 - 37 anos - Escolaridade: Ensino fundamental incompleto - Profissão: Agricultor

Juntos o casal possui dois filhos pequenos. Os dois trabalham com açaí e pesca, sendo associados na colônia dos pescadores. Decidiu associar-se a partir do incentivo do delegado sindical e porque recebem um retorno.

2.3 QUANTO A ESCOLA:

2.3.1 FAMÍLIA A:

“A escola é importante porque educa as crianças. Há muitos problemas na escola, a servente briga com tudo que é planejado para a escola. Ela não aceita, apenas quando a filha dela dava aula na escola [...] Tem merenda, mas é pouco. Tem xerocadora, material de música. [...] (os meus filhos) Aprenderam um pouco na escola. Participo das reuniões pra decidir das compras e construções. Eu conheço os professores, [...]. Outra professora do furo grande, agora vai ser professora, diretora e responsável pelo mais educação. Só tem uma turma multisseriada. [...] A escola é que precisa da ajuda dos moradores. Hoje mesmo o que vale é o estudo” (Entrevistada 1, 53 anos; 2017).



2.3.2 FAMÍLIA B:

“A escola é um patrimônio, mas que tá indo por água abaixo e eu queria preservar porque é aqui próximo, mas do jeito que tá indo, cada vez piorando, não vejo melhorar. Não tem união para os trabalhos seguirem em frente, o ensino não é bom. Meu filho vai fazer 7 anos e não sabe o ABC. Aprendem pouca coisa, se sabem o que sabem é porque eu pago pra menina ensinar, ou ensino na casa, porque de lá... (indignação). Vai e volta com o caderno em branco então o que ele faz lá? Vamos tirar ele dessa escola. Eu e meu marido participamos de tudo que é evento, reunião a gente vai. Conheço a Mari que é professora, ela é do Furo Grande, agora vai ficar só ela, ai que não vai ter aula mesmo. O ensino tinha que mudar, pra ganhar confiança dos pais, resgatar os alunos que estão perdidos, essa escola precisa de muita coisa pra ser mudada. O estudo é tudo hoje em dia” (Entrevistada 3, 26 anos; 2017).

De acordo com Peripolli & Zoia (2011):

“os nossos trabalhos de campo mostram que os camponeses resistem a todo custo à tentativa e/ou qualquer ato que sinalize o fechamento de uma escola dentro das comunidades. E com razão, uma vez que a escola (mesmo a “escolinha”) tem um significado muito maior do que quem a vê, simplesmente como uma (mais uma) escola. Uma escola no campo representa o centro irradiador das comunidades. Ali, ao seu redor, é que tudo acontece: encontro das pessoas em datas festivas (festas de santos); da reza da missa e/ou do terço (novena/culto); da palestra dos agentes de saúde, do sindicato, da cooperativa; do comício em tempo de campanha política; da quermesse; etc. Há também o futebol, a cancha de bocha, o mercadinho/“bolicho”, a reunião dançante aos finais de semana, espaço de encontro da juventude com poucas opções de lazer.” (PERIPOLLI & ZOIA, 2011; p. 196)

2.4 ENTREVISTA JUNTO AO DIRETOR/COORDENADOR PEDAGÓGICO DA ESCOLA DO CAMPO:

➤ Entrevistada 5 - Formação: Licenciada Plena em Pedagogia

A entrevistada trabalha na escola há três anos, inicialmente como professora, agora como responsável da escola e acompanhante de alunos especiais. Durante seu período de trabalho, percebeu que há muitas dificuldades enfrentadas para a construção de um projeto político pedagógico na escola do campo, devido não haver gestão própria, assim como a elaboração de outros projetos por não existir um corpo docente formado na escola, o que dificulta a proximidade com a realidade. Fernandes, Cerioli e Caldart (2005, p. 27) afirmam que “não basta ter escolas no



campo; queremos [...] escolas com um projeto político pedagógico vinculado às causas, aos desafios, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo”.

Segunda a entrevistada, todos os funcionários são da comunidade com exceção da mesma que reside no Furo Gentil, zona ribeirinha do município de Abaetetuba. Afirma que todos compreendem a realidade dos alunos e trabalham em conjunto. No que diz respeito à participação de todos, Dourado (2006) complementa que:

A democratização da gestão é defendida enquanto possibilidade de melhoria na qualidade pedagógica do processo educacional das escolas, na construção de um currículo pautado na realidade local, na maior integração entre os agentes envolvidos na escola - diretor, professores, estudantes, coordenadores, técnicos-administrativos, vigias, auxiliares de serviços - no apoio efetivo da comunidade às escolas, como participante ativa e sujeito do processo de desenvolvimento do trabalho escolar (2006, p.81).

Quando iniciou seu trabalho na escola, a mesma encontrava-se em situação precária, não havia banheiros e bebiam água retirada do rio. Hoje, a escola está reformada, tem bebedouro, poço artesiano e materiais suficientes para o ensino como: jogos educativos, instrumentos musicais e materiais de pintura. A escola funciona com uma turma de 24 alunos matriculados. Para a entrevistada:

“Essa quantidade não interfere em nada, pois fica melhor de se trabalhar, dar atenção a todos, o material é suficiente e isso não é motivo para a evasão escolar, mas a falta de consenso nas decisões impede a escola de ir ao progresso.” (Entrevistada 5, 2017)

Observou-se nos relatos, que há conflitos internos na escola que implicam no avanço de atividades. Quando há reuniões, uma servente nunca está de acordo com as propostas apresentadas pelo conselho, além de pessoas que residem na comunidade, mas que não tem filhos estudando na escola. Isso se deve ao fato de que a antiga responsável pela escola é filha da servente que não concorda com as decisões, e por achar que pelo fato de sua filha ser graduada, essa deve ocupar o cargo de gestora, sendo que ela concursada como auxiliar de serviços gerais. Conclui-se que há então um conflito social e político.

E dessa forma, com todas as barreiras e reclamações, a entrevistada opta sempre por uma gestão que seja democrática. Para que isso aconteça Libâneo (1996) orienta:

Quem ocupa cargo de liderança como diretor ou coordenador pedagógico precisa despor-se do posicionamento de predominante autocrático para possibilitar o



desenvolvimento de um clima em que todos contribuam com ideias, críticas, encaminhamentos, pois a gestão e participação pedagógica pressupõem uma educação democrática. (1996; p.200).

Trabalhar coletivamente é uma tarefa muito árdua, e por isso é um desafio para todo e qualquer conselho escolar, saber lidar com a opinião dos outros e principalmente discernir no diz respeito aos interesses pessoais, particulares e daqueles que não se importam minimamente com a educação. Surgem então inúmeros conflitos, como o da referida escola, que devem ser analisados, pois constituem a realidade escolar. Assim, as opiniões divergentes devem ser discutidas e solucionadas com o coletivo.

Para que a liderança escolar ocorra de modo eficiente é necessário que os membros da comunidade sintam confiança nos líderes escolares e que estes realizem o trabalho de forma ética. A elaboração dos planejamentos, a execução de ações, e as decisões devem ser expostas ao público para que ocorra assim, um avanço significativo na qualidade da educação tendo um objetivo comum. Ainda que na escola sejam apresentadas as propostas a todos, algum participante do conselho sempre encontra empecilhos para que as propostas não se concretizem. Segundo a líder escolar, a instituição tem capacidade de progredir bastante até mais do que se imagina, já que existem recursos suficientes para isso, mas ocorrem constantemente os conflitos mencionados.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período de pesquisa, observou-se na fala dos moradores entrevistados que a escola tornou-se um assunto negativo para os mesmos, sendo que alguns pretendem transferir seus filhos para escolas de comunidades vizinhas. Caso isso aconteça, será apenas uma questão para que a escola São Benedito seja fechada pelos órgãos públicos. Assim, constatou-se que enquanto outras comunidades buscam ter uma escola do campo na comunidade, a referida escola deixou de ser “um espaço de conhecimento” desejado para a população local.

São notáveis os conflitos políticos e sociais existentes na escola por parte de algumas pessoas. Tais conflitos impedem no avanço educacional, influenciando diretamente na aprendizagem dos alunos e na infraestrutura do estabelecimento. Atualmente, a escola possui em seu quadro de funcionários, um professor da localidade, o que é uma grande conquista com relação à educação do campo.



Além disso, conclui-se nesta pesquisa que as famílias não participam ou são associadas nos sindicatos de trabalhadores, pois alegam que nesta instituição só pagam taxas e não recebem retorno ao contrário da colônia dos pescadores que há o seguro-defeso. Portanto sentem dificuldades em definir o que é agricultura, por exemplo, já que não participam de cursos formativos que somente os sindicatos propõem e a colônia dos pescadores não, além de técnicas de cultivo agroecológicas.

4 REFERÊNCIAS:

ARROYO, Miguel Gonzalez e FERNANDES, Bernardo Maçano. A educação básica e o movimento social do campo – Brasília, DF. Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 1999. Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, nº2.

DOURADO, Luiz Fernandes. Gestão da educação. Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância, 2006.

FERNANDES, Bernardo Maçano; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salette. Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos . Organização e gestão da escola: Teoria e Prática. Goiás: Alternativa, 1996

PERIPOLLI, Odimar João; ZOIA, Alceu. O fechamento das escolas do campo:
O anúncio do fim das comunidades rurais/camponesas. ECS, Sinop/MT, v.1, n.2, p.188-202, jul./dez. 2011.

VENDRAMINI, Célia Regina. Qual o futuro das escolas no campo? Universidade Federal de Santa Catarina (ufsc). Artigo elaborado durante estágio pós-doutoral na universidade de cornell, nos estados unidos (2012 a 2013) e contou com financiamento da capes (bolsa estágio sênior). Educação em revista|Belo Horizonte|v.31|n.03|p. 49-69 |julho-setembro 2015